Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Questões emergentes no filme Eddington: midiatização sob as lentes do cinema cotidiano[1]

Emerging questions in Eddington: Mediatization under lens of ordinary Cinema

Anderson de Almeida Cano Ortiz
Luiza Rosas

Palavras-chave: Filme Eddington; Midiatização; Hermenêutica; Análise fílmica.

1. Introdução

Faroeste contemporâneo, o filme norte-americano *Eddington* (em cartaz nos cinemas em 2025, distribuído pela Universal Pictures Brasil) relata o caos que se instaura em uma pequena cidade do Novo México, em maio de 2020, em plena vigência das medidas de isolamento social devido à pandemia do COVID-19. O contexto do filme é permeado pela polarização político-deliberativa entre os moradores da diminuta municipalidade, divididos sobre os benefícios ou malefícios da implantação do *datacenter* de uma *big tech* nos limites da cidade. A ficção toma de empréstimo, ainda, o caso real de tensão nacional ocasionada com a morte do cidadão afrodescendente George Floyd, em maio de 2020[2], que desencadeou um movimento de gigantescos protestos em diversos pontos dos Estados Unidos. O enredo do filme retrata a vida "em ordem" dessa comunidade e seus indivíduos, temática cara aos estudos do cotidiano.

No filme, tudo começa com um impasse relativamente banal entre o xerife Joe Cross (Joaquin Phoenix) e o prefeito Ted Garcia (Pedro Pascal), que rapidamente escala para um conflito generalizado na comunidade. A disputa é exacerbada pela disseminação de conteúdo online pernicioso "cotidianizado". A análise compreende como as

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.
[2] Disponível em https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/george-floyd-como-negro-morto-pela-policia-inspira-hoje-luta-antirracista/

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

plataformas de mídias são importantes agenciadoras no desenrolar da trama, o que permite interpretações segundo os conceitos da midiatização.

Eddington tem direção e roteiro de Ari Aster e o elenco é estrelado por Joaquin Phoenix, Emma Stone, Pedro Pascal, Deirdre O'Connell, Cameron Mann, Michael Ward e Matt Gomez Hidaka. A duração do filme é de 150 minutos.

O filme descreve os elementos da (hiper)midiatização discutidos em Fausto Neto (2010), Carlón (2025) e Ferreira (2016); a mediatização profunda (Couldry, Hepp, 2016); o *bios virtual* tecno capitalista (Sodré, 2008 e 2014) e do regime de midiatização (Saldanha, 2026). Trata-se de um espaço complexo que inclui humanos e coletivos sociais; aparatos tecnológicos e ambiências conectadas; adoções sociais emergentes de meios de comunicação digitais e tradicionais (o *bios midiático*, que se desdobra a partir do *bios virtual*). Um relato ficcional da construção do comum nos tempos atuais, a ponto tal que fica difícil discernir onde a presença dos aparatos midiáticos são causa ou consequência dos comportamentos. Dentro desse conceito, propõe-se um paradigma atual que identifica um território diferenciado de relações e vinculações sociais. O discurso, nesse *bios midiático*, passa por tentativas de hegemonização – nos termos de Stuart Hall – e pelos interesses predominantes das finanças e do capital. Tais circulações fazem emergir novas formas de existências e resistências (Sodré, 2014, p.284). Essa força hegemônica, o regime de midiatização (Saldanha, 2026), é desafiado pelas vinculações que se estabelecem nas bases sociais. Essa disputa, porém, pode adquirir verdadeiras tensões em formatos (in)civilizatórios, como *Eddington* ajuda a pensar…

O artigo emprega hermenêutica metodológica (Bastos e Porto, 2012), aliada aos orientadores da atenção em pouso do método cartográfico (Kastrup, 2009). Ambos são empregados aqui com o objetivo de evidenciar questões da midiatização: o enraizamento

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

das tecnologias conectadas no cotidiano social mais singelo. Daí que os atuantes e suas práticas constroem "novos modos de existir" na relação que se estabelece entre indivíduos, tecnologias, ambiências conectadas e comportamentos comunitários transformados.

A análise tem por objetivo evidenciar como o filme retrata *ad absurdum* os contextos e os comportamentos das pessoas que usam as plataformas conectadas à internet como parte integrante de seu cotidiano. Ao selecionar as cenas iniciais – evitando assim entregar o final da trama – pretende-se entender o olhar 'estranho' que o filme propõe às novas formas dos indivíduos agirem socialmente com a presença hiperbólica dos aparatos disponíveis.

2. Dois momentos do arco dramático em *Eddington*

Por uma questão de síntese, destacam-se duas passagens iniciais do filme: a descrição do ambiente onde o xerife habita com a família, uma casa (isolada, mas amplamente) conectada por mídias (desdobrar da trama); a cena da expulsão de um idoso sem máscara de proteção de um mercadinho (gatilho dramático). Em ambos os casos, a midiatização se apresenta como definidora dos comportamentos.

A cena do desentendimento entre o xerife Joe Cross (Joaquin Phoenix) e o prefeito Ted Garcia (Pedro Pascal) ocorre nos primeiros minutos do filme. O contexto se desenrola durante o isolamento social imposto pelo governo por conta da pandemia do COVID-19 (maio de 2020). O xerife é apresentado como um homem que se recusa a utilizar a máscara de proteção.

2.1 Desdobrar da trama. O xerife retorna para casa (11'00''-13'25''), uma propriedade isolada em meio a uma região de natureza árida, no cume de uma montanha rochosa, onde são apresentadas a esposa Louise Cross (Emma Stone) em estado de depressão e a sogra Dawn (Deirdre O'Connell), uma atenta audiência de site conspiracionista. O xerife desliga o *laptop* no quarto da sogra (que dorme) ligado a toda altura no YouTube, nos moldes do rádio de pilha. No quarto ao lado, o xerife encontra a

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

esposa ainda acordada, fazendo artesanato (bonecas). Ao vê-lo entrar, Louise pausa no *smartphone* um vídeo que aparenta analisar o papel da mídia, conteúdo na mesma perspectiva conspiratória. Na cena, Louise anuncia as bonecas artesanais por *e-commerce* e aparece um impresso feito pela sogra em cima da cama do casal, cujo cabeçalho da fonte *Watch TV Live* traz em letras garrafais a (suposta) matéria "Uma história de crimes do Federal Reserve: o naufrágio do Titanic não foi acidente". O casal debate sobre a incômoda presença da sogra em casa, a questão da pandemia, quando a esposa arremata que se sente "observada o tempo todo". O diálogo ambíguo permite interpretar que os olhos eletrônicos participam da angústia não identificada de Louise. Eles tentam um momento de romance, mas o clima logo é quebrado por Louise. Resignado, ele vira para o lado e pega o *smartphone* para ver o Facebook.

A casa onde vivem vai ser descrita na manhã seguinte (13'25''- 15'57''). Trata-se de uma típica casa de classe média americana inspirada nas *haciendas* do Novo México. Joe Cross já levanta ao som de uma narração que ocupa todo o imóvel, uma história audiovisual que reúne *deepfakes* e *lockdown*, conteúdo conspiratório que se refere ao exercício de crise na universidade John Hopkins em 2018, algo que a sogra explica a Joe com desenvoltura, afirmando ter conhecido o assunto na Clade X. O cotidiano é repleto de desencaixes emocionais entre marido, mulher e sogra. O ambiente é regularmente ocupado pelo caráter informativo do site conspiracionista, que permanece horas e horas ligado no ambiente da família.

*2.2 Gatilho dramático***.** A caminho do trabalho (15'58''- 21'05''), o xerife dirige sua viatura, trajando o uniforme (chapéu de abas curvas e toda indumentária estereotipada de autoridade do interior americano), rádio ligado transmitindo conteúdo negacionista sobre a não chegada do COVID-19 naquela região. Ao passar diante do mercadinho, Cross presencia uma fila de pessoas mascaradas para entrar na loja. Ali, ocorre uma situação de tensão, pois um cidadão idoso está sendo enxotado da loja por se negar a colocar a máscara. O xerife tenta mediar a situação, adentrando à loja também sem a máscara, ponderando com o gerente que não era necessária toda aquela reação, pois se

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

tratava de uma pessoa há anos conhecida na comunidade. De nada adianta a ponderação do xerife, que é orientado a também colocar a máscara ou, igualmente, se retirar, o que ocorre sob olhares críticos de todas as pessoas, devidamente paramentadas para evitar o contágio. De repente, descobre-se que o prefeito Ted também está no estabelecimento (de máscara). Ted e Joe conversam sobre os dados científicos acerca da contaminação, o decreto estadual obrigando o uso da máscara: prefeito no polo da razão; e o xerife, em atitude negacionista. Mais uma vez contrariado, Joe Cross obedece. Enquanto a controvérsia se desenrola, uma cliente na loja permanece o tempo todo com o *smartphone* filmando o xerife. O xerife sai e entrega as compras para o idoso (21'05''- 21'33''). Ao doar os artigos, como forma de gratidão, o idoso pede para fazer uma *selfie*.

O xerife entra no automóvel (21'34''- 26'00''), quando recebe a notificação do Facebook mostrando que o senhor postou a história na mídia social, recebendo *likes* e curtidas. Cross, então, age de uma forma irrefletida: liga o *smartphone* no suporte preso ao console do automóvel, começa a transmitir uma *live* no Facebook. Em tom conspiratório, ele improvisa o discurso recheado de termos-chave como "comunidade", "família" e "liberdade". Devia a situação ao prefeito Ted Garcia e que, por essa inconformidade, estava se lançando como candidato à eleição para o cargo de prefeito. As métricas de engajamento começam a funcionar a favor do emissor. Note-se, o xerife não faz um comício, tampouco se reúne na sede de qualquer partido.

3. Análise nas perspectivas da Midiatização

Nas cenas descritas, e muitas outras adiante, revela-se um curioso convívio de hábitos hipermidiatizados (Fausto Neto, 2010) e os fatos são tornados visíveis ainda *a quente* (tempo real) não após a ocorrência, mas enquanto ocorrem. De acordo com Saldanha (2026, p.3), o regime de midiatização é "[...] uma prática difusionista, cujos pilares epistemológicos se sustentam na articulação das noções de mídia, de circulação e de mediação", cuja adoção generalizada é o novo patamar da vida cotidiana e ordinária. A mediação é parte integrante do fato, uma das características da aceleração da circulação

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

(Carlón, 2025). Essa naturalização, segundo Couldry e Hepp (2016) se dá com a consolidação da *dataficação* (o uso instrumental dos dados oriundos de plataformas) e demais avanços da infraestrutura computacional conectada em rede.

As cenas são retratadas sem qualquer valorização narrativa, para dar um tom cotidiano. É dessa suposta "cena naturalizada" que autores da corrente do Norte Global (por exemplo, Hjarvard, 2014; Couldry e Hepp, 2016) afirmam que a midiatização se relaciona com a importância em câmbio dos meios de comunicação na cultura e na sociedade, quando ambas as esferas se tornam cada vez mais dependentes das mídias, em referência à institucionalização de longo prazo da lógica midiática (Hjarvard, 2014, p.36). Essa perspectiva é desafiada pela matriz latino-americana da midiatização, que além das relações e instituições também se ocupará das formas de vinculação social a partir da presença das mídias.

Para Sodré (2014), o *bios virtual* é a forma de existência caracterizada pelas maneiras inovadoras de vinculação na experiência do comum, modificando as relações dos grupos sociais na presença de tecnologias em negociações variadas com os valores tradicionais que caracterizam a relação humana. Emergem novas possibilidades de codificação e decodificação dos discursos colocados em circulação, com práticas de interação distintas, uma sociedade midiatizada. Com base em Braga (2012), interpreta-se que, na descrição da trama, uma existência virtual por vezes supera os relacionamentos no plano pessoal, inclusive com variadas situações de polissemia cognitiva.

Para Fausto Neto (2010), a circulação interacional é a construção de vínculos entre produção e recepção, transformada em lugar no qual ambos se encontram em jogos complexos de oferta e reconhecimento. Nela, os receptores alternam o consumo de várias mídias e desafiam fontes tradicionais de repasse das informações. Nessa ambiência midiatizada, fora do controle das instituições tradicionais que detêm o conhecimento sobre os assuntos, acontecem desvios na codificação e há, igualmente, precariedade na decodificação. Essa condição pode gerar ruídos e ativações *fora dos eixos*. Uma circulação interacional de viés distópico é retratada nas cenas, ressaltando a lógica de que

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

quanto pior e confuso for, melhor para movimentar as métricas de visibilidade nas plataformas de redes sociais e, de tabela, nas relações dentro da comunidade.

4. Considerações finais

A escolha da pequenina cidade de Eddington é uma opção ficcional aparentemente insólita, mas diretamente ligada à discussão sobre as contraposições entre indivíduo e comunidade proposta por Agnes Heller (2008), o que é caro nos estudos da midiatização. A vinculação mais alta entre indivíduo e sociedade pode ser observada justamente quando se verifica a integração social com caráter comunitário. Heller já se mostrava crítica à comunidade do capitalismo tardio, midiática pelos contornos que ganhara: "quando pensamos no futuro da humanidade, é quase impossível imaginar que a integração total possa chegar a converter-se em comunidade; mais plausível aparece a imagem de uma estrutura social articulada em comunidades orgânicas" (Heller, 2008, p.90).

Esse paradigma pode ser observado na pequenina Eddington. Apesar de isolada, é por meio do *bios midiático* agenciado pelos *smartphones* e *laptops* com acesso à internet, chafurdando em plataformas de mídias sociais, que os momentos afeccionais mais importantes se desenrolam, sob os olhares dos aparatos técnicos de mídia, espelhos e parte do contexto vivido por aquela comunidade.

Referências

BASTOS, Fernando; PORTO, Sérgio Dayrell. Análise hermenêutica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2012.

BRAGA, José L. Circuitos versus campos sociais. In JANOTTI JUNIOR, Jeder; Mattos, Maria Ângela; Jacks, Nilda (Org). **Mediação & Midiatização**. Salvador : EDUFBA ; Brasília-Compós, 2012.

CARLÓN, M. Semiótica, (hiper)midiatização, circulação e atores/enunciadores: a caminho de um enfoque macro-relacional não antropocêntrico para pensar o futuro? **MATRIZes**, v. 18, n. 3, p. 159-184, 2025.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. ***The mediated construction of reality.*** John Wiley & Sons, 2016.

EDDINGTON. Direção: Ari Aster. Estados Unidos: A24, 2025. Filme.

FERREIRA, G. M.; MOURA, C. V. M. Da enunciação aos processos de midiatização: estudos do discurso midiático no interior do CEPAD. In: FERREIRA, Giovandro Marcus; MACHADO, Irene; SILVA,

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Alexandre Rocha da; OLIVEIRA, Regiane (org.). **Problema semiótico em pesquisas de comunicação e cultura**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 87-98.

FERREIRA, Jairo; SILVEIRA, A.M.C.M. (Org.) ; BORELLI, Viviane (Org.) ; DALMOLIN, Aline (Org.) ; Rosa, Ana Paula (Org.) ; Löfgren, Isabel (Org.) . **Plataformas, algoritmos e IA**: questões e hipóteses na perspectiva da midiatização. 1. ed. SANTA MARIA: FACOS, 2024. v. 1. p. 97, 2025.

HJARVARD , STIG. **A Midiatização da Cultura e da Sociedade**. Porto Alegre: Unisinos, 2014.

HJARVARD , STIG. Da mediação à midiatização: a institucionalização das novas mídias. In: **PARÁGRAFO**. JUL. /DEZ.2015 V. 2, N. 3 (2015) ISSN: 2317- 4919

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade Porto Alegre: Sulina, 2009.

SALDANHA, Patrícia. (2026). Doenças raras midiatizadas. Em tempos de extrativismo predatório e desinformação. In **Mediaciones de la Comunicación**, 21(1). https://doi.org/10.18861/ic.2026.21.1.4299

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.